

Ah, a vida...

Valter Nilton Felix

(qualquer semelhança com pessoas conhecidas não é completamente proposital)

Lá se vão as duas horas da manhã e alguém bate à porta.

O estúdio era minúsculo e o barulho não parecia um toc-toc, mas uma ameaça de arrombamento. Estava completamente escuro, com as persianas arriadas e as paredes de cor cinza grafite. Era assim que ele conseguia dormir aquele sono superficial, quase sempre sem sonhos, ao menos que percebesse.

Os dias eram cansativos e pesados. O trabalho não rendia nem em produtividade, nem em remuneração, ao menos para o que ele achava que poderia render. Desde a formatura, os sonhos eram grandes demais para a realidade. Mudava de rumo, mas não saía de círculo pouco virtuoso.

Cursou faculdade e achava que poderia doutrinar. Suas aulas eram enfadonhas, sua voz não soava bem, os alunos bocejavam às vezes, ou quase sempre. Tentava passar conhecimentos de ciências que não conhecia com tanta profundidade, mas também não procurava aperfeiçoar. Tinha sono quando deveria estar alerta e ficava inquieto quando queria repousar.

Comia no refeitório da escola, aquele ragu insosso, cujo grande atrativo era terminar com um cafezinho de coador, mas cozinhar, nem pensar. Vestia quase sempre calças pouco alinhadas e uma camisa, de uma marca qualquer, pela qual nunca se interessou. Talvez devesse ter sido mais compreensivo com aquelas duas ou três mulheres desengraçadas, que teve ao longo da vida, com quem rompeu por intolerância, ou por serem mesmo insuportáveis, ou era ele, nunca esteve certo.

Já avançava pelos sessenta, sua rotina era monótona e desinteressante, e seus impulsos não passavam de esperar pelas vitórias de seu time, que quase sempre decepcionava. Franzino, de óculos, cabelos acromáticos e ralos, pele alva e corpo encurvado, não era propriamente um objeto de desejo feminino.

Às vezes tentava escrever um trocinho, como ele mesmo denominava seus textos pobres, descrevendo passagens reais, geralmente envolvendo conhecidos ou parentes, postava no grupo de WhatsApp dos colegas e ficava aguardando elogios, desmerecidos, é claro, que raramente alguém, mais pródigo, lhe dirigia, comedidamente.

Não era alguém que atraísse amigos ou admiradores. Passava pelos dias assim, assim. Quem estaria à porta àquela altura? Levantou-se assustado, com cabelos desarranjados, remelas nos olhos, pijama de listras todo desalinhado, pudera, era dois números acima do seu, chinelos surrados, puxou os óculos da cabeceira, encaixou-os mal e mal, e lá se foi meio cambaleante, no escuro, em direção à porta.

Não contava com o gato. O bichano lhe era fiel. Tolerava por anos sua indiferença, só quebrada pela oferta, não muito generosa, de ração e leite, em panelas separadas, que nunca eram lavadas, todo dia, antes de sair para o trabalho. Quando voltava, nem um oi. Frieza completa era o que caracterizava a relação, mas pelo menos um sabia que o outro estava por perto, pelo bem ou pelo mal.

O miado estridente e mortal misturou-se com o ruído abafado da cabeça esmagada com incrível precisão, e com o barulho surdo de sua própria cabeça espatifando-se na quina da mesa que usava para depositar uma ou outra revista velha, que nem sequer folheava. O golpe foi fatal e limpo. Sangrou só para dentro do crânio, nem nesta hora interagindo com o bichano, cujos miolos sanguinolentos lambuzava com exclusividade todo o tapete surrado, disforme, de abas retorcidas, que ganhara da tia.

Desanimada e decepcionada, a garota de programa escultural, convocada pelo vizinho, louco pelas aventuras da madrugada, que ele mal conhecia, de cabelos longos e cuidadosamente tingidos de loiro, de vestido curto, que deixava à mostra pernas torneadas, apoiadas em sapatos de saltos incrivelmente altos, dava as costas, voltava ao elevador e ia embora, certa de ter sido ludibriada.

Talvez sua vida mudasse para melhor naquela noite, mas as coisas são como são.

